



Elvas, a 'Chave do Reino'

Castelo Medieval de Elvas

De bastião defensivo a bastião turístico

Os séculos de presença militar na cidade de Elvas originaram um valioso legado patrimonial que é referência a nível mundial

Texto : Dr. Nelson Marques Cavaco

Onde outrora se movimentaram militares, maquinaria de guerra e se travaram batalhas que marcaram a História de Portugal, hoje assiste-se a um movimento de massas causado por uma nova modalidade de turismo que cresce exponencialmente de ano para ano: o turismo militar.

Logo após a conquista da cidade aos mouros, em 1230, que Elvas iniciou o seu desenvolvimento enquanto cidade fronteiriça fortificada, com particular incidência do séc. XIV em diante. Diffi-

cil de imaginar à época que, num longínquo séc. XXI, todo esse esforço de guerra se traduziria num legado que abriu um novo capítulo dedicado à importância da presença militar na defesa da cidade e das fronteiras do reino.

A 30 de junho de 2012, é atribuído, pela UNESCO, a classificação de cidade património mundial à cidade de Elvas, enaltecendo o maior sistema de fortificação abaluartado terrestre do mundo.

“Cidade-Quartel Fronteiriça de Elvas e suas Fortificações”, conforme ficou designada, corresponde a uma área de proteção total de 690 hectares que engloba o centro histórico e as suas cinturas de muralhas Árabes, Fernandinas e Seiscentistas, o Aqueduto da Amoreira, o Forte de Santa Luzia, o Forte da Graça e os Fortins de São Mamede, São Pedro e São Domingos.

Forte da Graça – de inexpugnável a visitável

Ao longo dos séculos, Elvas foi considerada por todos os estrategas e militares como a “Chave do Reino” devido à sua localização estratégica na defesa do reino. A necessidade de fortificar a cidade era constante.

Chamado a Portugal pelo Marquês de Pombal para reorganizar o Exército português, Friedrich Wilhelm Ernst Von Shaumburg-Lippe, vulgo Conde de Lippe, apercebe-se de uma fragilidade defensiva de Elvas: uma colina (Monte da Graça) de 404 metros, da qual a cidade ficava vulnerável aos ataques de artilharia inimiga.

Sob ordem do Conde de Lippe inicia-se, em 1763, a construção do Forte da Graça, uma gigantesca obra prima de fortificação onde a arte se esgotou por completo, substituindo a igreja gótica que aí existia.

Em 1874, 6.848 homens constituíam a guarnição militar do Forte da Graça, aos quais se juntava um arsenal constituído por 137 peças e 12 morteiros e bastantes arcabuzes, espingardas, clavinhas, pistolas, espadas, lanças e piques.

Os números hoje apresentam outra realidade: desde a sua reabertura ao público, em novembro



Os números hoje apresentam outra realidade: desde a sua reabertura ao público, em novembro de 2015, que mais de 75 mil pessoas visitaram o Forte da Graça”

[Dr. Nelson Cavaco]



Casa do Governador no Forte da Graça

de 2015, que mais de 75 mil pessoas visitaram o Forte da Graça.

A inexpugnável fortaleza que resistiu a vários ataques inimigos, nomeadamente no período das Invasões Francesas, baixou as suas defesas para se tornar num *ex-libris* e num chamariz de visitantes que vêm conhecer este complexo sistema defensivo.

Da desmilitarização à atualidade

A perda de poderio enquanto cidade de excelência começou a ganhar os seus contornos por ocasião da Guerra Civil. Elvas era um bastião absolutista e uma ameaça ao governo português que decide retirar o bispado à cidade de Elvas e, aquando a hora da criação dos distritos, em 1835¹, opta por Portalegre para sede de distrito.

Na vertente militar, a reorganização do exército operada em 1884, retirou importância à praça-forte de Elvas e, nos inícios do séc. XX, a cidade então conhecida por “Chave do Reino” passou a ser apenas um lugar de estacionamento militar ao invés de um bastião militar, como fora nos anteriores séculos.

A representação militar em Elvas terminou definitivamente a 30 de junho de 2006, quando a mais antiga Unidade de aquartelamento de tropas em Portugal, o Regimento de Infantaria n.º 8 de Elvas, encerrou portas para ser transformado em museu militar.

Com o encerramento colocou-se um ponto final no capítulo de quatro séculos de história ligados à presença militar em Elvas. Para trás ficou um museu, nos cerca de 40 hectares, que a antiga Unidade ocupava junto às muralhas seiscentistas de Elvas. Hoje podemos descrever Elvas como um museu a céu aberto. A figura do militar fardado já não percorre as ruas da cidade, mas a essência do seu património reflete um passado impossível de dissociar da atividade castrense.

São os seus sete baluartes e quatro meios baluartes, ligados entre si por cortinas, que constituem as doze frentes de muralha que conferem à cidade a imagem de bastião militar e de praça-forte. No seu interior misturam-se várias referências



que comprovam a importância que Elvas teve ao longo dos séculos: o Castelo (o primeiro Monumento Nacional português); a Torre Fernandina; os vários casarões que representam os antigos quartéis de Elvas; a Igreja da Nossa Senhora da Assunção (antiga Sé de Elvas), são alguns dos melhores exemplos.

No exterior da cidade, é inevitável não contemplarmos o imponente Aqueduto da Amoreira, construído para resolver o problema de abasteci-

¹ Lei de 25 de Abril de 1835 – Divisão administrativa do país.



Panorâmica da muralha urbana e Forte de Santa Luzia

mento de água à cidade, assim como o Forte da Graça, uma obra-prima de fortificação e o Forte de Santa Luzia, uma fortificação que garantiu valor estratégico para a cidade e que atualmente alberga um museu militar.

Situada no Alto Alentejo, a 10 minutos da fronteira com Espanha, mas posicionada no panorama internacional do turismo militar, Elvas volta a ganhar contornos de excelência enquanto cidade militar. A História repete-se! —————>



Igreja da Nossa Senhora da Assunção (antiga Sé de Elvas)